

A apanha do sargaço

9

na costa de Portugal

(ESPECIAL PARA «O COMÉRCIO DO PORTO»)

A interessante descrição da apanha do sargaço nas praias da Ericeira e de Castelo de Neiva, da autoria do ilustre escritor e artista Fernando Calhano, que «O Comércio do Porto» publicou na sua página de «Cultura e Arte», fez-nos lembrar da apanha dessas algas marinhas noutras terras, onde as quantidades que aparecem são também grandes, mas os trabalhos em parte diferentes.

É o caso, por exemplo, da maneira de guardar o sargaço e dos trajes típicos nas praias da Aguçadoura, Navais, Ave-romar, etc., onde o costume é guardá-lo, ao longo da praia, em pilhas redondas, e cobertas a colmo; enquanto que na Apúlia e noutras praias é guardado dentro de armazéns ou das casas dos próprios pescadores.

Quem nunca esteve em África, se vir, um dia, aquelas pilhas de sargaço, fica com uma ideia muito aproximada das «cubatas» e das aldeias indígenas («tabancas»), como se lhes chama na Guiné Portuguesa, tão grande é a sua semelhança.

São dos sargaceiros da Apúlia os trajes ou roupas mais tradicionais e típicos, regionais, já conhecidos, de resto, em muitas terras do País, onde eles se têm exibido em cortejos e outras festas públicas. São feitos dum tecido de lã e linho branco, grosso e espesso, a que chamam «branquetas».

A zona onde, geralmente, aparece sargaço em maiores quantidades na costa Norte de Portugal, é nas praias entre Fão e Cabanas de Fonte Boa, ou melhor no lugar de Cedovem. Conquanto apareça sempre, durante o ano, algum sargaço, numa ou noutra praia da costa, é de facto nos meses de Maio, Junho, Julho e Agosto que ele aparece em maiores quantidades naquela zona.

Geralmente o sargaço não aparece de surpresa. É quase sempre já esperado pelos sargaceiros, segundo o mês que decorre e a agitação do mar. Por isso, quando o cabo de mar ou o guarda-fiscal do posto respectivo, dá o sinal combinado do aparecimento das algas, em maior ou menor quantidade, por meio dum apito forte e prolongado, é ver apa-

recer logo de todos os lados e cantos da terra, homens e mulheres, rapazes e raparigas, todos os sargaceiros profissionais, com as suas «branquetas» e as suas «armas» (ancinho e galhapão) aos ombros, a correrem para a praia, numa alegria comunicativa. Comunicativa, sim, porque a restante população do lugar ou corre também para ver a quantidade que pareceu ou fica em suas casas a falar do acontecimentos, uns e outros visivelmente satisfeitos por saberem todos quanto representa de rendimento para os sargaceiros e de riqueza para a terra — o sargaço.

Ora, todo esse movimento de homens e mulheres, dentro e fora de água, uns a procurar, com as suas «armas», apanhar a maior quantidade possível de sargaço de cada vez, e os outros a estendê-lo na areia ao longo da praia — todo esse formigueiro de gente, num constante vai-vem, vestida com os seus trajes típicos e regionais, é que nos parece um caso digno de figurar nos cartazes e demais propaganda do turismo nacional, portugueses e estrangeiros.

Tanto mais que, todos esses trabalhos de apanha, seca e recolha do sargaço, demoram dias e semanas e podem, por isso ser vistos e acompanhados, no todo ou em parte, por toda a gente que se interesse por estas cenas regionais e típicas e sem precisarem de se deslocar para tal, a pé ou de carro, de longe, pois tanto na Póvoa de Varzim, como em Ofir, Esposende e Viana do Castelo, há hotéis modernos para receberem, com todo o conforto, os turistas nacionais e estrangeiros mais viajados e exigentes.

A última parte dos trabalhos (empilhagem) é também interessante e movimentada. O transporte do sargaço, depois de seco, é feito só por mulheres, em «carrelas», carregando de cada vez tanto quanto possam aguentar umas e outras, até final. As pilhas são feitas pelos homens e por mulheres também.

Perguntando um dia a sargaceira quanto rendia cada pilha de sargaço, seco, disse-nos que era conforme, mas que umas pelas outras devia render entre 1.000 a 1.500 escudos.

Então, vendo a quantidade de pilhas, ao longo da praia, compreendemos quanto devia representar, de facto, de rendimento e riqueza, para os sargaceiros e para a terra, o sargaço.

Hoje, o preço destas algas marinhas, deve ser outro, pois os seus compradores, já não são só os lavradores, para adubo das terras. Já se faz exportações dele para países estrangeiros, que o aplicam para outros fins e o pagam por preço muito superior.

A nós, pessoalmente, o sargaço inte-

ressou-nos sempre muito, tendo chegado até, um dia, a pensar também na sua apanha, mas por outros processos, mais práticos e com menos gente e de maiores e melhores rendimentos, sem dúvida.

E foi pena não termos levado por diante a nossa ideia, pelo proveito que teríamos tirado dela e pelo exemplo e proveito que teríamos proporcionado também aos sargaceiros profissionais de toda a costa portuguesa.

Em conclusão: a apanha do sargaço, na costa de Portugal, deve ser considerada, a nosso ver, como um caso típico, de tradição regional, da gente do mar na costa portuguesa e portanto digno de figurar na propaganda do turismo nacional.

E se já o foi ou é, parabéns para quem se lembrou e tratou do caso há mais tempo.

SPA